



A cidade em tempo de festa: comer, rezar e festejar o Divino em Pirenópolis

Amanda Alexandre Ferreira Geraldês*

Resumo: Partindo da temática da festa, buscamos analisar objetos da cultura material produzidos para a Festa do Divino Espírito Santo, da cidade de Pirenópolis, no estado de Goiás. Neste artigo, cuja pesquisa se encontra em desenvolvimento para a dissertação de Mestrado, apresentaremos uma breve descrição dos tempos da festa e as muitas formas de celebrar o Divino. Tal rito ocupa um espaço especial no imaginário coletivo da comunidade repercutindo também na categoria das festas em geral, das festas religiosas e das festas no Brasil. Buscamos compreender como e por que esse espaço foi ocupado, qual sua singularidade e como foi – e é ainda hoje – o processo de construção dessa memória. A análise parte da identificação na relação estabelecida entre os significados dos símbolos e suas representações na coletividade da comunidade. Portanto, entendemos que os saberes, as artes de fazer e a tradição são sustentados por uma memória e constroem referências identitárias coletivas e individuais. A escolha metodológica parte do trabalho com fontes da Cultura Material, História Oral e Iconografia, procedendo com o paradigma do saber indiciário de Ginzburg, perfazendo o diálogo entre morfologia e história e buscando, assim, revelar no particular, em cada detalhe – sejam nas permanências, ausências ou transformações – a dinâmica cultural e social representada simbolicamente na cultura material da festa em questão e na memória coletiva da comunidade.

Palavras-chave: Cidade; Festa; Divino; Pirenópolis.

Resumen: Basado en el tema de la fiesta, se analizan los objetos de la cultura material producido para la fiesta del Espíritu Santo, la ciudad de Pirenópolis en el estado de Goiás este artículo, cuya investigación se encuentra en desarrollo para la tesis de maestría, se presenta una breve descripción el momento de la fiesta y las muchas formas de celebrar la Divinidad. Este rito ocupa un lugar especial en el imaginario colectivo de la comunidad refleja también en la categoría de

*Mestranda em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Contato: amandaalexandre@gmail.com.



las celebraciones generales, festivas y celebraciones religiosas en Brasil. Buscamos entender cómo y por qué fue ocupado este espacio, ¿cuál es su singularidad y cómo era - y sigue siendo - el proceso de construcción de esta memoria. El análisis comienza con la identificación de la relación entre los significados de los símbolos y sus representaciones en la comunidad colectiva. Por lo tanto, creemos que el conocimiento, el arte y la tradición de la fabricación son compatibles con una memoria y construir referencias de identidad individual y colectiva. La elección de la metodología del trabajo con las fuentes de la cultura material, la historia oral y la iconografía, procediendo con el paradigma de conocimiento de pruebas Ginzburg, por lo que el diálogo entre la morfología y la historia y por lo tanto potencialmente revelar, en particular, en todos sus detalles - son las continuidades, ausencias o transformaciones - dinámicas sociales y culturales representados simbólicamente en la cultura material de la parte interesada y la memoria colectiva de la comunidad.

Palabras clave: Ciudad; Fiesta; Pirenópolis; Divino.

A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis é uma festa religiosa que acontece tradicionalmente na cidade desde 1819. Consolidando sua relevância e sua memória, a celebração obteve pelo IPHAN, em 2010, o registro como Patrimônio Cultural Imaterial, sendo então a segunda manifestação registrada no Livro das Celebrações, na qualidade de bem imaterial, realizada no país. A festa tem duração de quase dois meses, mas seu auge acontece no Domingo de Pentecostes, 50 dias após a Páscoa, data que representa a vinda do Divino Espírito Santo sobre os apóstolos de Cristo. Essa data marca na festa o início das famosas Cavalhadas – uma encenação que representa a luta dos cristãos liderados por Carlos Magno nas Cruzadas contra os mouros. De origem medieval, a celebração chegou ao Brasil na época colonial, prestando-se como forma de catequização e expressão religiosa.

Celebrar Pentecostes é parte da liturgia católica. A Festa do Divino é uma celebração muito comum em todo o país. No entanto, em Pirenópolis a festa tem suas particularidades. São muitas as manifestações que compõe as comemorações ao Divino: além do Império do Divino, lá encontramos as folias, novenas, missas e procissões, as pastorinhas, as cavalhadas e os



mascarados, as congadas e os congos, as bandas de música, os reinados e juizados. É uma festa de grande porte que reuniu ao longo do tempo todas essas manifestações para celebrar o Divino.

Ostemos da festa eafestasdentro da festa

O cronograma da festa é complexo:cerca de vinte dias antes de Pentecostes iniciam as Folias do Divino Espírito Santo¹. Atualmente são dois grupos de folias que fazem os giros e os pousos: a “folia do povo” e a “folia do padre”, essa última organizada pela Paróquia Nossa Senhora do Rosário – local onde se concentram as atividades religiosas da festa. As folias (que podem ser rural e urbana) saem e chegam em datas diferentes e têm cerca de dez dias de duração cada uma. Por volta de 15 dias antes do domingo de Pentecostes, iniciam-se os ensaios dos cavaleiros das Cavalhadas. Faltando nove dias para o domingo de Pentecostes, inicia-se a Novena do Divino Espírito Santo, sempre numa sexta-feira. O início da novena marca no calendário oficial a “abertura” da festa. Durante os nove dias de novena a cidade amanhece com duas alvoradas – a primeira às 4h com a banda de Couro, e a segunda às 5h com a tradicional banda Phôenix. Fogos e roqueiras são disparados nesses nove dias de alvorada que se seguem com a missa e a novena, já no período noturno, às 19h. No último dia da novena – sábado, véspera de Pentecostes –ocorre a procissão dos membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento²para a bênção e o levantamento do Mastro, acontecendo em seguida a tradicional queima de fogos e a apresentação do auto de natal “As Pastorinhas” no teatro da cidade.

¹ As Folias mais tradicionais partem à cavalo percorrendo um trajeto pelas fazendas da zona rural da cidade. Com o objetivo de recolher donativos para a festa, os foliões fazem os giros com a bandeira do Divino, acompanhados pela comunidade que participa do evento e pelos anfitriões da casa que oferecem o pouso e o alimento. A dinâmica alimentar é característica primordial no processo das folias, constituindo um ato de fé e um comportamento festivo compartilhados socialmente.

² A Irmandade do Santíssimo Sacramento foi criada em 1732 e constitui-se como um grupo de devotos que preservam os valores religiosos, promovendo solenidades e encontros relacionados à fé cristã e cuidando dos bens e interesses da igreja.



Imagem 1 - Chegada da Folia Renovação Cristã na Fazenda Mateus Machado, 2012. Foto: Fernanda Cordeiro / Imagem 2 - Benção e levantamento do Mastro, 2012. Foto: Amanda Alexandre / Imagem 3 - Auto natalino “As Pastorinhas”, 2012. Foto: Amanda Alexandre.

É chegado o dia mais esperado: o Domingo de Pentecostes. Após as alvoradas, segue o Cortejo Imperial, saindo da casa do Imperador³ rumo à igreja. Depois da missa é realizado o sorteio do próximo Imperador e dos mordomos. Terminado o sorteio, um novo cortejo sai da igreja rumo à casa do atual imperador. Nesse cortejo seguem: o Imperador e sua família ocupando lugar de honra na procissão, a Irmandade do Santíssimo Sacramento, a Procissão das Virgens (meninas vestidas de branco), as bandas de Couro e Phôenix e, por fim, a comunidade que acompanha para receber do Imperador os cumprimentos e as tão esperadas Verônicas de Alfenim e os pãezinhos do Divino⁴. Na casa do Imperador fica exposto o altar em homenagem ao Divino, exibindo a Bandeira, a Coroa e o Cetro – símbolos do Espírito Santo.

³ O Imperador é o festeiro, figura responsável pela administração e divulgação da festa. Ele representa grande autoridade e status, pois foi escolhido pelo Divino para ocupar tal posição de honra e carregar seus símbolos do Império: a coroa e o cetro.

⁴ Quando o cortejo chega à casa do Imperador, as bandas entram para a área preparada para o evento (geralmente um pátio ou a área externa da casa) que é onde fica o altar ao Divino. Todas as pessoas que participaram da procissão se organizam em uma fila para receber as lembrancinhas. A banda toca o Hino do Divino e após esse momento os familiares do festeiro começam a distribuir as verônicas, que são doces feitos de açúcar – o alfenim, uma massa branca e muito delicada – que são trabalhadas à mão e moldadas em formato circular com motivos do Divino, e os pãezinhos do Divino, ambos embalados especialmente para a ocasião.



Imagem 4 - Chegada do Cortejo Imperial à Igreja, 2012. Foto: Amanda Alexandre / Imagem 5 - Saída do Cortejo Imperial após a missa, 2012. Foto: Amanda Alexandre / Imagem 6 - Irmandade do Santíssimo Sacramento no Cortejo Imperial, 2012. Foto: Amanda Alexandre / Imagem 7 - Procissão das Virgens no Cortejo Imperial, 2012. Foto: Amanda Alexandre

Esses objetos possuem um *status sacro*: na procissão as pessoas se debruçam para tocá-los e pedir graças. Todas essas atividades – que iniciaram às 4h da manhã – prolongam-se até o horário do almoço. E é preciso estar atento: a abertura das Cavalhadas começa às 13h no campo conhecido como “Cavaldódromo”⁵. Durante toda a tarde do domingo acontece o primeiro dos três dias de encenação das Cavalhadas. Ainda no domingo, na missa à noite, temos a posse do novo Imperador, que junto com os mordomos já começam a pensar os preparativos para a festa do próximo ano. O novo ciclo se inicia antes mesmo que o ciclo corrente termine.



⁵Cavaldódromo é o espaço onde se encena a performance das Cavalhadas. Foi construído especialmente para esse fim e sua inauguração é recente, em 2006. Essa mudança, consequentemente, alterou toda a cartografia da festa e também a relação do público x espetáculo e toda essa dinâmica presente no ritual.



Imagem 8 - Chegada do cortejo à casa do Imperador, 2012.Foto: Amanda Alexandre / Imagem 9 - Bandeira do Divino em residência, 2012.Foto: Amanda Alexandre / Imagem 10 - Altar do Divino na casa do Imperador, 2012.Foto: Amanda Alexandre / Imagem 11 - Embalagem com as Verônicas de Alfenim e os pãezinhos do Divino, 2012.Foto: Amanda Alexandre

A segunda-feira começa com o Reinado de Nossa Senhora do Rosário: o cortejo, a missa e a festa do Reinado – os reinados e juizados seguem a mesma estrutura dos cortejos do Imperador do Divino: o cortejo busca o rei e a rainha em sua residência, seguindo para a igreja onde acontecerá a missa. Após a missa o cortejo retorna da igreja para a residência do rei e rainha onde acontece a “festa” e são servidos os quitutes para a comunidade. Esse movimento ocupa todo o período da manhã e às 13h dá-se continuidade ao segundo dia da encenação das Cavalhadas.



Imagem 12 - Mascarado – A morte de chapéu, 1992.Foto: Antonio Bandeira / Imagem 13 - Mascarado Curucucu, 1992.Foto: Antonio Bandeira / Imagem 14 - Rei Cristão (Azul), 2013.Foto: Amanda Alexandre / Imagem 15 - Rei e Cavaleiros Mouros, 1992.Foto: Antonio Bandeira

Na terça-feira acontece o Juizado de São Benedito – nos mesmos moldes do Reinado – e no período da tarde o último dia das Cavalhadas. A festa termina oficialmente em meados de junho, no dia de *Corpus Christi*, data em que o mastro é descido e se comemora o encerramento da festa com um grande almoço que é oferecido para todos os envolvidos na festa. E nesse mesmo final de semana ainda acontecem na cidade as Cavalhadinhas Mirins, onde as crianças participam e atuam nos mesmos moldes da festa ocupada pelos adultos.



Imagem 16 - Mascarado – Capeta, 1992.Foto: Antonio Bandeira / Imagem 17 - Verônicas de Alfenim. Foto: Adriano Curado / Imagem 18 - Detalhe da veste sacerdotal com o Divino representado, 2013.Foto: Amanda Alexandre / Imagem 19 - Igreja Matriz decorada com representação do Divino, 2013.Foto: Amanda Alexandre

A temporalidade da cidade

A festa transforma o tempo da normalidade na cidade. Nesse período a cidade define vários tempos para sustentar e praticar todas essas manifestações que compõe o festejo ao Divino. Fundamentamos em Bakhtin a categoria *festa*, uma vez que se tratando de uma celebração de caráter religioso, nota-se a profunda relação com o sagrado nas manifestações e suas representações. Segundo Bakhtin (1987, p. 7-8), a *festa* é algo maior que a experiência puramente humana:

As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo. Os “exercícios” de regulamentação e aperfeiçoamento do processo do trabalho coletivo, o “jogo no trabalho”, o descanso ou a trégua no trabalho nunca chegaram a ser verdadeiras festas. Para que o sejam, é preciso um elemento a mais, vindo de uma outra esfera da vida corrente, a do espírito e das idéias. A sua sanção deve emanar não do mundo dos meios e condições indispensáveis, mas daquele dos fins superiores da existência humana, isto é, do mundo dos ideais. Sem isso, não pode existir nenhum clima de festa.

Entendemos a *festa* como uma expressão fundamental presente na dinâmica cultural. Sua ordem própria revela concepções de mundo e, no âmbito religioso, pensamos na relação



metafísica existente que desenvolve na comunidade vivências de profundo respeito, devoção e sacralização, culminando em verdadeiras experiências de contato com o sublime.

Assim, compreendemos esse tempo da *feira* como um tempo transcendental: um templo da fé. Essa experiência de fé, classificada nesse tempo do rezar, é acompanhada intimamente por outros tempos: o preparar, o comer e o festejar.

Como já apresentado, a Festa do Divino de Pirenópolis possui um cronograma festivo complexo: folias, rezas, missas e novenas, alvoradas com bandas de música, procissões e cortejos, reinados e juizados, teatros, cavalcadas e mascarados – essas manifestações compõem o festejo ao Divino e têm uma característica muito presente que é a comensalidade festiva. Eduardo Etzel(1995, p. 31), em seu estudo a respeito do simbolismo do Divino, afirma:

Acredito que a Festa do Divino é um eco das remotas festividades das colheitas. Foi nossa única comemoração anual com ênfase na comilança e alegria, desenvolvida num Brasil ainda provinciano e rural. É a expressão do sentimento inconsciente do povo simples e, por isso mesmo profundamente ligado à ideia de afugentar a fome. Não se trata propriamente de festa de um dia, mas de um longo ritual com as folias pedintes para o grande período de festas. Como simples aproximação pode-se pensar que representam a sementeira, o curso do cultivo e a colheita final com as comemorações festivas.

Dessa forma, esses traços de manifestações e festividades campesinas somados a antigos costumes e tradições são agregados a um novo culto, à figura do Divino – iniciativa festiva da Rainha Santa Isabel – e que com o tempo caem no gosto popular, justamente por apresentar origem nessas comemorações folclóricas.

Pensando nesses movimentos que constroem a dinâmica da festa, percebemos temporalidades distintas no desenvolvimento do rito: o tempo do preparar, o tempo do comer, o tempo do rezar e o tempo do festejar, sendo que esses tempos não se dividem necessariamente cronologicamente, e sim dialogam e coexistem quase que simultaneamente.

O tempo do preparar é o antes da celebração da festa em si: é o momento de produzir os objetos que compõe os cenários para as manifestações festivas, como objetos decorativos, paramentação e indumentária. É também o momento de angariar recursos financeiros e donativos. Apesar de não corresponder à celebração propriamente dita, o tempo do preparar é uma festa paralela – nesse tempo também estão presentes o tempo do rezar e do comer. As folias caracterizam esse movimento.



Podemos classificar como tempo prioritário do rezar o momento quando se inicia a Novena, nove dias antes do Domingo de Pentecostes. Esse tempo é vivenciado pela comunidade como um momento de recolhimento e adoração ao sagrado. A Novena é realizada após a missa diária e é também um momento de preparação espiritual para receber o Divino.

O tempo do rezar ainda se configura durante as manifestações do tempo do festejar: já em tempo de festa as procissões fazem parte e compõem a experiência do festejo. Nesse momento o comer se faz presente, seja nas delicadas Verônicas distribuídas pelo Imperador, seja nos quitutes oferecidos no Reinado de Nossa Senhora do Rosário e no Juizado de São Benedito.

A encenação das Cavalhadas e a atuação dos Mascarados, no tempo do festejar, representam o auge da Festa do Divino e apesar de ser um momento de descontração, transgressão e até profanação, o discurso na encenação pedagógica das Cavalhadas é a catequização, o que também assume características do rezar.

Cartografiaespacial e simbólicada Festado Divino

Em sua complexidade cultural, a Festa do Divino constrói uma cartografia específica na cidade para o período da celebração. Os tempos da festa definem o uso e a demarcação de territórios nos espaços da cidade, tais como: o tempo do preparar, o tempo do rezar, o tempo do comer e o tempo de festejar. Território de múltiplas experiências e múltiplas memórias, a cidade é propriamente material. Partindo desse aspecto, podemos entendê-la como suporte de reprodução e representação social. De acordo com Matos (2002, p. 35-36):

Em seu processo de transformação, a cidade tanto pode ser registro como agente histórico. Nesse sentido, destaca-se a noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Lugares que, além de sua existência material, são codificados num sistema de representação que deve ser focalizado pelo pesquisador, num trabalho de investigação sobre os múltiplos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

A territorialidade é definida pelos sujeitos. Assim, o território está sempre em transformação pelo sujeito e pela temporalidade, possibilitando, inclusive, que o mesmo espaço ocupe distintas territorialidades em tempos distintos. Dessa forma, compreendemos o território como espaço síntese de experiências individuais e coletivas e que a partir dessas vivências



constroem referências identitárias. A memória também se manifesta num espaço síntese, ou seja, num território delimitado pelas lembranças, sejam essas pertencentes a uma ou outra categoria de recordações, individuais ou coletivas.

Buscamos fundamentar a relação estabelecida entre memória e espaço em Halbwachs (2006, p. 170), quando se afirma que não há memória coletiva que não aconteça num contexto espacial. Assim, os objetos, os espaços e territórios que nos cercam carregam em seu contexto material representações de nossas identidades e tramas de nossas memórias.

A cartografia espacial seria a territorialidade espacial própria da festa, dividida basicamente pelos tempos do preparar, do rezar e do festejar. A Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário (Imagem 20) apresenta-se como território fundamental do rezar. No entanto, além dessa ocupação, a igreja também é palco dos territórios do preparar e do festejar, pois percebemos ainda que é a partir dela que todos os outros territórios e espaços são delineados e ocupados, centralizando, assim, as principais ações e movimentos da festa na Igreja Matriz.

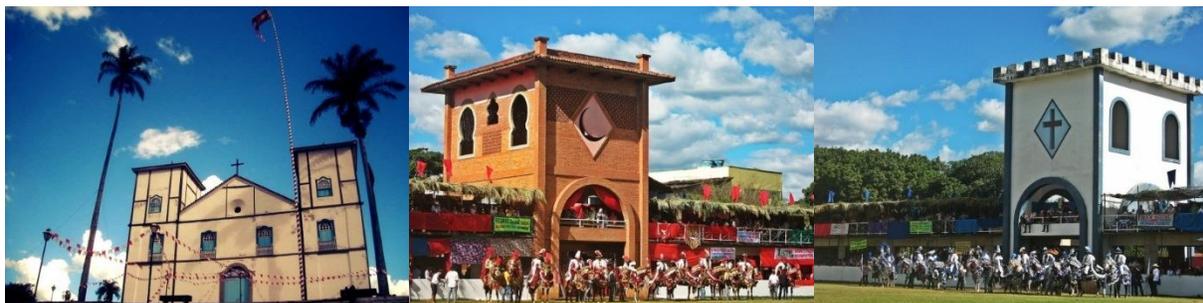


Imagem 20 - Igreja Matriz Nª Senhora Do Rosário decorada e Mastro, 2012. Foto: Amanda Alexandre / Imagem 21 - Cavalcódromo - Castelo Mouro e seus cavaleiros, 2013. Foto: Amanda Alexandre / Imagem 22 - Cavalcódromo - Castelo Cristão e seus cavaleiros, 2013. Foto: Amanda Alexandre

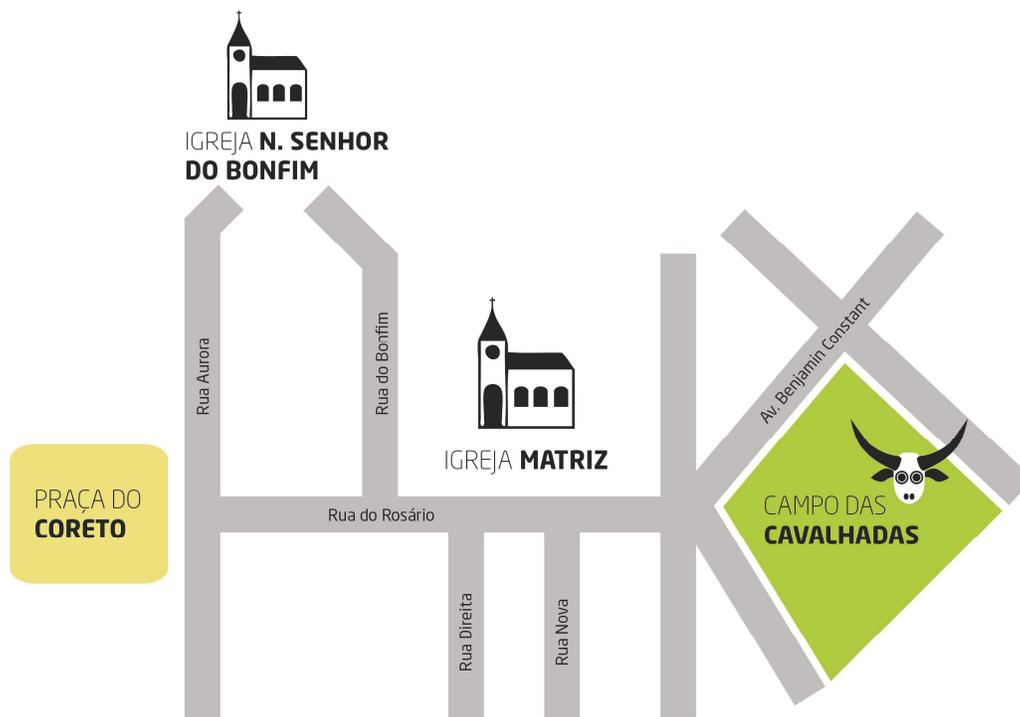


Imagem 23 - Mapa ilustrativo. Sem escala. Ilustração: Mariana Bandeira, 2013.

Podemos citar algumas expressões do rezar que ocupam o território da Igreja Matriz: as alvoradas, as missas, as novenas... No tempo do festejar temos as folias, as procissões e as bênçãos, todas essas partindo radialmente da Igreja (Imagem 23). O tempo do preparar também passa pela Igreja Matriz: as reuniões e inclusive o próprio sorteio do Imperador e dos Mordomos acontece na Igreja. Toda a festa perpassa pela instituição religiosa, independente da ordem de seu tempo.

O Cavalhódromo também se apresenta como território fundamental da festa durante os três principais dias da celebração. Sendo um espaço construído especialmente para as Cavalhadas, o espaço se define como território desse grupo – cavaleiros e mascarados – no tempo do festejar. Como pode-se observar (Imagens 21 e 22), o espaço é ainda territorializado com a presença dos castelos: de um lado o Castelo Mouro e do outro lado o Castelo Cristão. É a partir dos castelos que os cavaleiros entram em campo para o combate e encenação. O Cavalhódromo,



sendo um campo em formato quadrado, possui a seguinte divisão de espaço: dos lados dos castelos existem 12 camarotes, um para a família de cada um dos 12 cavaleiros. Do lado transversal aos castelos ficam os camarotes das famílias tradicionais da cidade e do outro lado a arquibancada aberta para o público geral. Assim, existe uma hierarquia no espaço do Cavalhódromo.

Para a cartografia simbólica pensamos na categoria de territorialidade aplicada aos objetos da cultura material. As imagens 12, 13 e 16 retratam os territórios dos mascarados: os trajes coloridos, as máscaras e o anonimato permissivo. Nas imagens 14 e 15 identificamos o território dos cavaleiros mouros e cristãos: sua paramentação própria com bordados e plumas, a indumentária dos cavalos e o prestígio público. A imagem 17 apresenta as Verônicas de Alfenim e seu território do *Sagrado*, da devoção e do consumo/cerimônia popular. Nas imagens 18 e 19 podemos observar algumas representações do Divino, nos bordados das vestes sacerdotais e na decoração da igreja.

Dessa forma, buscamos a realização de um diagnóstico sobre a cidade em questão, seus espaços e territórios, visando compreender a Festa do Divino e seu diálogo com esses espaços na construção e delimitação de territorialidades espaciais e, também, a relação definida com os objetos da cultura material, estabelecendo, dessa forma, territórios simbólicos.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- ETZEL, Eduardo. **Divino: Simbolismo no folclore e na arte popular**. São Paulo: Giordano; Rio de Janeiro: Kosmos, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru: EDUSC, 2002.

*Recebido em Julho de 2013.
Aprovado em Agosto de 2013.*